

Marxismo e ficção científica em Peter Frase: por uma ficção científica social?

Marxism and science fiction in Peter Frase: for a social science fiction?

Rafael da Rocha Massuia ¹

 DOI: 10.59306/memorare.v11e12024e18860

Resumo: No presente texto propomos uma reflexão centrada ao redor da abordagem teórico-metodológica adotada por Peter Frase em *Quatro Futuros*, que procura combinar teoria social e ficção científica, que ele denominou “ficção científica social”. A partir de discussões teóricas acerca dos pressupostos epistemológicos inerentes às abordagens científica e artística, sobre o valor cognitivo das obras de ficção científica, assim como sobre a vinculação dessas obras ao contexto social e político do século XX, buscamos determinar em que medida a abordagem proposta por Frase pode enriquecer o debate social contemporâneo.

Palavras-chave: Ficção científica. Marxismo. Teoria Social. Peter Frase. Ficção Científica Social.

Abstract: In this text we propose a reflection centered around the theoretical-methodological approach adopted by Peter Frase in *Four Futures*, which seeks to combine social theory and science fiction, which he called “social science fiction”. Based on theoretical discussions about the epistemological assumptions inherent to scientific and artistic approaches, about the cognitive value of science fiction works, as well as about the connection of these works to the social and political context of the 20th century, we seek to determine to what extent the proposed approach por Frase can enrich the contemporary social debate.

Keywords: Science fiction. Marxism. Social Theory. Peter Frase. Social Science Fiction.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP, *Campus Araraquara*). Professor na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO, *Campus Irati*) e na Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR). E-mail: massuia@gmail.com

1 Introdução

Em termos mais amplos, há uma conexão significativa entre o marxismo e a ficção científica. Os primeiros expoentes do gênero, pertencentes à importante tradição britânica de ficção científica, como William Morris, H. G. Wells, Jack London, entre outros, são conhecidos por serem socialistas ou, pelo menos, situados no espectro da esquerda, como é o caso do anarquista George Orwell.

É importante ressaltar que a obra de Marx possui algumas características destacadas. Uma delas é o fato de ele estar ativamente interessado em seu tempo presente e, ocasionalmente, recorrer ao passado para compreender o presente como uma síntese de processos históricos anteriores. No entanto, em alguns momentos, ele também olha para o futuro, mais especificamente para um momento em que a humanidade teria superado a alienação do trabalho e construído uma sociedade emancipada e livre.

Ao contrário dos teóricos pertencentes ao campo do socialismo utópico, Marx evitou, como muitos de seus intérpretes destacam, tematizar especificamente sobre o futuro. Conforme Engels (2005) definiu de forma mais aprofundada, a abordagem diferencial de Marx consiste em investigar e identificar as possibilidades de transformação social no presente. Ele não imagina uma sociedade ideal apenas para depois explorar como alcançá-la, como é comum entre os socialistas utópicos. No entanto, isso não significa que ele tenha se excluído totalmente desse debate, como se pode constatar nas muitas referências a uma sociedade emancipada pós-capitalista ao longo de sua obra *O Capital* (2017), publicada em 1867, e até mesmo em textos posteriores, como *Crítica do Programa de Gotha* (2012), escrito em 1875.

De todo modo, cumpre destacar uma recente e instigante tentativa de conciliar ficção científica e teoria social. Trata-se de *Quatro Futuros*, de Peter Frase (2020)² que, rejeitando o termo comumente associado a esse expediente (“futurismo”), propõe o uso da terminologia “*social science fiction*” (ciência social fictícia, segundo tradução proposta via versão brasileira da obra) para designar sua proposta. Nesta obra o autor propõe uma reflexão especulativa sobre quatro futuros utópicos/distópicos com condição concreta de materialização, ou seja, que podem se desenvolver a partir da atual configuração do sistema capitalista (imaginando as consequências lógicas a partir de dois eixos: o de abundância versus escassez de recursos e o de uma estrutura política igualitária versus hierarquizada): comunismo, rentismo, socialismo e exterminismo. No primeiro futuro, o comunismo, a propriedade é coletivizada e a produção é dirigida para satisfazer as necessidades humanas, em vez de lucro. No segundo

² A obra, publicada originalmente em 2016 sob o título de *Four Futures*, teve sua versão em português brasileiro, que utilizaremos como referência neste texto, publicada em 2020.

futuro, o extermínio, a tecnologia é usada para controlar e oprimir as pessoas, resultando em uma sociedade repressiva e autoritária. No terceiro futuro, a desertificação, a tecnologia é usada para tornar a vida mais fácil e confortável, mas ao mesmo tempo, leva à degradação ambiental e à perda de recursos naturais. Por fim, no quarto futuro, a redução da jornada de trabalho, a tecnologia é usada para liberar o tempo humano, permitindo que as pessoas tenham mais tempo para atividades pessoais e criativas.

Sua proposta funda-se na ideia de propor uma reflexão especulativa embebida de temas, técnicas e/ou discursos oriundos dessas duas modalidades da atividade humana. Sempre tendo em mente o seguinte ensinamento de Aristóteles (2008, p. 114), quando afirma que “[...] não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade”.

É a partir da análise desta obra, seus pressupostos, o alcance de sua crítica, que surge a indagação: é possível e faz sentido uma “ciência social fictícia” (ou seja, explorar o espaço inter e transdisciplinar entre a ciência social e a ficção científica)? E, se sim, qual seu potencial explicativo e crítico?

2. Pressupostos teórico-metodológicos de *Quatro Futuros*

Na obra supracitada Frase começa por explicitar duas catástrofes simultâneas que nos acometem: a ecológica e a automação, que servirão como pano de fundo para as conjecturas que o autor formula ao longo da obra. Em suas palavras:

O temor em relação às mudanças climáticas é um medo de ter muito pouco: ele antecipa a escassez de recursos naturais, a perda de terras agricultáveis e de ambientes habitáveis – e, por fim, a morte de uma Terra que seja capaz de sustentar a vida humana. O pavor da automação é, perversamente, um medo de ter demais: uma economia completamente robotizada que produza tanto, com tão pouco trabalho humano, que não haja mais qualquer necessidade de trabalhadores. Podemos realmente estar encarando uma crise de escassez e uma crise de abundância ao mesmo tempo? (FRASE, 2020, p. 8)

O raciocínio leva a um aparente paradoxo, pois, em tese, um problema pode, se não resolver, ajudar bastante na resolução do outro. Se a humanidade utilizasse a tecnologia para liberar uma parcela significativa do montante de trabalho necessário para manter o nível de produtividade atual, seria possível aplicarmos o tempo liberado para, por exemplo, nos engajarmos em atividades voltadas para a preservação de nossos ecossistemas.

Por mais tentador que esse tipo de raciocínio seja, não podemos nos esquecer que a sociedade não opera em modo automático, pressupondo planejamento, ações concretas, disputas, etc. Frase (2020, p. 22) aponta como a desconsideração da variável política tem sido uma falha comum a esse tipo de abordagem, pois, de forma ingênua, vê o desenvolvimento tecnológico e científico, bem como suas consequências e desdobramentos, como resultante de alguma espécie de inevitabilidade evolutiva; enquanto, na verdade, derivam de escolhas políticas. A opção, até o presente, tem sido a de potencializar as taxas de lucratividade do capital em nível global, em detrimento dos impactos sociais que essa atividade enseja.

Como exemplo, retoma a formulação do economista inglês John Maynard Keynes, quando vaticina, na década de 1930, que em nossos dias atuais teríamos reduzido a jornada de trabalho semanal para 15 horas. O que não aconteceu, argumenta Frase (2020, p. 28), não por impossibilidade técnica, mas como resultado de escolhas políticas. O que tem faltado nas análises convencionais, argumenta Frase (2020, p. 30, grifos do autor), “[...] é a **política** e, especificamente, a **luta de classes**.”

Os riscos inerentes a essa subtração do elemento político da análise são, para além de incorrerem em narrativas abstratas, atribuímos sentidos demasiadamente idealistas a eventuais soluções para os problemas da sociedade. Nas palavras do autor: “Quem se beneficia da automação, e quem perde com ela, é, em última análise, uma consequência não dos próprios robôs, mas de a quem eles pertencem.” E conclui: “Consequentemente, é impossível entender o desenrolar da crise ecológica e os desenvolvimentos na automação sem compreender uma terceira crise através da qual ambas são mediadas, a **crise da economia capitalista** – nem a mudança climática e nem a automação podem ser compreendidas como problemas (ou soluções) por si mesmos.” (FRASE, 20020, p. 30, grifo nosso)

Evitando uma abordagem meramente especulativa ou contemplativa, o autor defende ser perfeitamente viável a gestação de uma sociedade que respeite o meio ambiente ao mesmo tempo que possa garantir prosperidade material para todos. Mas, adverte Frase (2020, p. 31) “[...] esses futuros possíveis vão exigir um tipo de sistema econômico bem diferente daquele que se tornou globalmente dominante no final do século XX.”

É nesse espírito que o autor busca assentar sua proposta, propondo uma combinação entre os pressupostos das Ciências Sociais com os da ficção científica – que ele nomeia como “ficção especulativa”³ –, buscando “[...] explorar o espaço de possibilidades em que nossos

3 O termo ficção especulativa começa a ser empregado em meados do século XX, sendo bastante utilizado nas décadas de 60 e 70. Define-se por uma abordagem transversal, que engloba tanto os subgêneros de ficção científica, fantasia e horror, com a particularidade de trazer para o centro da narrativa a reflexão sobre mundos distintos ao nosso. Há, porém, interpretações diversas sobre seu emprego. Como argumenta a escritora canadense Margareth Atwood (2012), concordando com a também

futuros conflitos políticos vão se desenrolar – um tipo de **ficção científica social**". (FRASE, 2020, 32, grifo nosso)

O autor pontua as particularidades da arte e da ciência – que trataremos mais detalhadamente no tópico seguinte –, bem como traz algumas obras literárias e cinematográficas para ilustrar, por meio de exemplos, os quatro futuros possíveis que trata em sua obra. Trataremos disso mais adiante.

3. Arte e Ciência

Antes que possamos avançar na discussão, faz-se necessário um breve parêntesis para demarcar com clareza as relações entre arte e ciência, que são fundamentais para entendermos os pressupostos sob os quais se assentam a proposta teórico-metodológica de Frase. Falando de ciência (ciência social, em particular) e arte, Frase (2020, p. 32) argumenta que “[...] ambas são uma mistura de imaginação e investigação empírica, misturadas de maneiras diferentes.”

Conforme mencionado anteriormente, Aristóteles foi um dos primeiros e mais consistentes autores a tratar a natureza do fenômeno literário. O estagirita argumenta que, enquanto a ciência (notadamente, a História) cuida daquilo que efetivamente aconteceu, a literatura abarca situações que ‘poderiam’ ter acontecido; ou seja, que possuem lógica interna, verossimilhança.

Como nos ensina Antonio Candido (2013, p. 22): “O primeiro passo (que apesar de óbvio deve ser assinalado) é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiese.”

O fenômeno literário – assim como o meio cinematográfico, que dele deriva, ainda que possua suas particularidades –, portanto, não está assentado na realidade dos fatos, mas antes na plausibilidade da narrativa que apresenta. No caso de referência a processos históricos reais, claro, há todo um debate implicado, que tem um fundamento ético, de não falsificar o sentido de certo fenômeno histórico (ao menos que essa falsificação seja explicitada e tenha valor narrativo a ser explorado, claro). Em nosso caso, porém, como estamos tratando justamente de mundos imaginados (seja o nosso próprio, em um futuro hipotético, ou outro),

escritora Ursula Le Guin, defende que a ficção especulativa está circunscrita ao plausível, enquanto narrativas que englobam, por exemplo, raças alienígenas, ficariam de fora, pertencendo ao subgênero da ficção científica ou outra de suas variações.

esse questionamento não se aplica, o que não elimina o paradigma aristotélico da verossimilhança, mas, antes, o pressupõe.

A literatura também tem sido uma espécie de “sismógrafo” social. Sendo capaz de captar fenômenos incipientes, ainda não totalmente explicitados. O grande exemplo sendo o potencial premonitório, presente na obra de Kafka, sobre os horrores do nazismo. Como destaca Enzo Traverso, em sua interpretação da novela *Colônia penal*, escrita em 1914.

O caráter premonitório desta novela de Kafka reside sobretudo na sua descrição de um procedimento de destruição sem sujeito, no qual a execução da pena cabe a uma máquina, sem que a vítima possa olhar para o seu algoz. Escrita no início da Primeira Guerra Mundial, Na Colônia Penal parecia anunciar os massacres anônimos do Século XX, nos quais a matança se torna uma operação técnica cada vez mais subtraída à intervenção direta dos homens. [...] A descrição técnica do funcionamento dessa engenhoca, dada pelo oficial com minúcia detalhada ao visitante da colônia penal, lembra *Amtsprache* [língua do ofício] pela qual se designavam as diferentes fases da execução nos campos nazistas. O 'rastelo' imaginado por Kafka, que gravava na pele de suas vítimas sua sentença de morte, remete de maneira impressionante à tatuagem dos *Häftlinge* [presos] em Auschwitz, este número indelével que fazia sentir segundo Primo Levi, 'sua condenação escrita na sua carne'. (TRAVERSO apud GAGNEBIN, 2006, p. 141)

Esse mesmo sentimento de exercício da violência impessoal, burocrática e, portanto, irreal, surreal até, está presente em outras produções kafkianas, como *A metamorfose* e *O processo*, escritas, respectivamente, em 1912 e 1920.

Isso evidencia que se, por um lado, a literatura não se confunde a ciência por não ter compromisso diretamente com a reprodução dos fatos históricos, isso não significa, de maneira alguma, diminuir sua importância ou poder de alcance. Na medida em que a literatura se mostra capaz de “antecipar” fatos históricos ainda por se manifestarem na realidade social. Logo, seu valor é muito mais profundo do que aquele que se possa sugerir por uma abordagem apressada ou superficial.

Esse potencial enriquecedor da literatura não escapou aos fundadores do materialismo histórico-dialético. É conhecida a carta enviada à escritora inglesa Margaret Harkness, em que afirma:

Em torno desse quadro central, Balzac concentra toda a história da sociedade francesa, sociedade que conheci mais em seus livros – inclusive no que tange a detalhes econômicos (por exemplo, a redistribuição da propriedade da realeza e da propriedade privada depois da Revolução) – que nos textos de todos os especialistas do período, historiadores, economistas e estatísticos tomados em conjunto. (MARX; ENGELS, 2010, p. 68)

Feito que se dá, aliás, a despeito das posições políticas do escritor francês, um conhecido legitimista e apoiador da monarquia.

Considero que uma das maiores vitórias do realismo, um dos traços mais valiosos do velho Balzac, é que ele se viu forçado a escrever contra as suas próprias simpatias de classe e preconceitos políticos, que tenha visto o caráter inevitável da ruína dos seus aristocratas prediletos e os tenha descrito como homens que não mereciam sorte melhor e que visse os verdadeiros homens do futuro precisamente onde eles se encontravam. (MARX; ENGELS, 2010, p. 69)

Portanto, é inegável o valor cognitivo da arte. Podemos aprender muito sobre diversas dimensões sociais e humanas. Para além do potencial “premonitório” inerente a essa forma de atividade humana, mais capacitada para captar transformações incipientes, ainda não plenamente explicitadas no movimento social efetivo.

4. Realismo capitalista

Com o esgotamento do *Welfare State* e a falência do socialismo real, o capitalismo em sua configuração neoliberal adquire ares triunfalistas, expressa por Francis Fukuyama (2015), com a ideia do “fim da História”. Sentimento sintetizado pela profecia de Margaret Thatcher, quando afirma não haver mais alternativa à realidade que se apresentava. Essa mesma disposição encontra tradução precisa, em chave crítica, por Mark Fisher (2020), com a ideia de “realismo capitalista”.

“É mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo”, frase apócrifa, ora atribuída ao crítico literária estadunidense Fredric Jameson, obra ao filósofo esloveno Slavoj Žižek, que figura como subtítulo do livro *Realismo capitalista*, de Fisher. Nessa obra o pensador inglês busca mapear o sentimento acima aludido, uma noção mais concreta e precisa que o vago conceito de pós-modernidade, inevitavelmente tragado por uma miríade caleidoscópica de definições conflitantes. Dos anos 70 aos 90, enquanto alguns buscavam saudar acriticamente a alegada morte das grandes narrativas fundadas no progresso e nos valores iluministas (LYOTARD, 2021), outros buscavam balizar uma crítica fundamentada e necessária a essa expressão ideal do capitalismo em estado avançado de putrefação (JAMESON, 2000). Fisher chega um pouco mais tarde ao debate, ainda que oferecendo uma contribuição decisiva.

Ainda que aparentemente refratária aos anseios humanos, a História, nesse ínterim, insiste em existir. O que se perde, parece-nos, é a capacidade de verbalizar e, sobretudo, fazer ressoar, tais anseios. E eis que se apresenta a arte enquanto campo fértil para a necessária vazão criativa e criadora de esperanças. Nada mais oportuno do que subgêneros literários umbilicalmente vinculados a cultura de massas e cujo pressuposto se assenta em imaginar mundos, como a ficção científica. Esse fenômeno acaba por atribuir nova relevância desse subgênero, que se mostra um meio privilegiado para captar essa disposição. Paradoxalmente, a ficção científica tem sido um eficaz meio de expressão diante da “impossibilidade de representar” (JAMESON, 2021, p. 337), da “impotência reflexiva” (FISHER, 2020, p. 43).

Portanto, refletir sobre essas obras nos fornece um rico impulso para o “mapeamento cognitivo”, na expressão de Jameson (2021, p. 104), de nosso tempo. A ficção científica teria capturado muito bem, segundo Jameson, ao longo do século XX, aquilo que ele chama de “impulso utópico” (JAMESON, 2021, p. 18).

A ficção científica releva-se um meio bastante propício para enfatizar ao máximo, por meio das potenciais oportunidades que o futuro oferece em perspectiva de mudanças mais ou menos significativas, rupturas até, não apenas em termos tecnológicos ou individuais, mas no sentido de transcender em direção a um novo paradigma. Seu valor enquanto meio reflexivo, portanto, não deve ser diminuído.

5. Por uma ficção científica social?

Com isso voltamos à questão central do texto. É possível e faz sentido uma ficção científica social? Em nosso ver, a resposta é afirmativa para ambas as perguntas escondidas na formulação.

Ora, se arte é fonte de conhecimento tanto quanto a ciência – e, como vimos, em alguns casos específicos pode até superá-la –, conclui-se, então, que não só podemos, como devemos, extrair novas compreensões da arte em geral e da ficção científica, enquanto subgênero literário, em particular, pelas razões expostas acima; quais sejam, o posicionamento favorável diante da configuração da sociedade global nas últimas décadas, que tem permitido à ficção científica capturar e vocalizar parte importante de nossos dilemas enquanto humanidade: da contradição entre o desenvolvimento tecnológico e a destruição da natureza, do desenvolvimento tecnológico tendo como preço o empobrecimento e marginalização de parte da população, dos dilemas éticos que tal desenvolvimento tecnológico pode potencialmente colocar diante de nós, etc, etc.

A abordagem crítica e criativa de Frase consegue captar e traduzir muito bem o potencial dessa interlocução entre as Ciências Sociais e a ficção científica. Quando discutindo sobre os diferentes futuros possíveis o autor, de forma recorrente, traz exemplos para ilustrar determinadas situações que seriam típicas a um certo desdobramento potencial do presente.

A animação *Wall-E*, de 2008, é citada como fornecendo um vislumbre de como seria uma sociedade avançada que transformou a Terra em ruínas, abandonando-a para viver em naves luxuosas. Mas, a verdadeira obra paradigmática do futuro comunista (abundância e igualdade) é *Star Trek*. Frase se coloca a imaginar como seria uma sociedade que dominou a tecnologia do replicador, artefato tecnológico presente ao longo da franquia que funciona como uma espécie de impressora 3D turbinada e definitiva.

Frase passa uma parte importante do capítulo indagando-se sobre os possíveis impactos negativos que a ausência de trabalho poderia trazer às pessoas. Também se questiona se a ausência do dinheiro não seria eventualmente preenchida por outra relação social, talvez algum tipo de crédito social

Dada a importância desse futuro dentro do esquema conceitual elaborado por Frase, não podemos deixar de manifestar certo descontentamento. Em nossa visão outros autores e obras poderiam ter sido trazidos para enriquecer o debate. Como o escocês Iain Banks que, na série *Culture*, imaginou os problemas e dilemas inerentes a uma sociedade espacial pós-escassez, trazendo reflexões bastante originais para pensarmos nesse tipo de configuração social. E também a escritora francesa Ursula Le Guin, que possui várias obras de grande alcance, mas que em *Os Despossuídos*, de 1974, imagina dois planetas, Urras e Anarres, que adotam sistemas socioeconômicos opostos, respectivamente, capitalista e anarquista.

O rentismo (abundância e hierarquia) imagina uma sociedade que superou a dependência do trabalho, mas que optou por seguir um caminho que conserva as estruturas hierárquicas e os privilégios às elites. O autor retoma o exemplo do capítulo anterior, quando citou a série de exploração espacial, mas em chave negativa, evocando um *Anti-Star Trek*. Se no comunismo basta ao Capitão Jean-Luc Picard pedir ao replicador um chá quente sabor *earl grey*, nesse futuro haveria uma empresa que deteria os direitos intelectuais para esse sabor, e o nobre capitão da Frota Estelar precisaria pagar royalties à empresa proprietária para saborear seu chá favorito.

Nesse tipo de sociedade, em que uma pequena elite vive da renda da propriedade intelectual que possuem e concentram, “Quem for dono dos robôs governará o mundo” (FREEMAN apud FRASE, 2021, p. 80). O rentismo, portanto, apresenta-se como uma

configuração distópica, ainda que não tão potencialmente negativa como o exterminismo, que abordaremos mais adiante.

O socialismo (escassez e igualdade) é imaginado por Frase como uma sociedade pós-capitalista que foi severamente abalada pela catástrofe ambiental. Mas que, apesar disso, nem tudo se perdeu. Há esperança de reconstrução, ainda que, certamente, demandará muito trabalho esforço. Frase cita a obra *Pacific Edge*, de Kim Stanley Robinson, último volume da *Trilogia da Califórnia*, como o exemplo de uma sociedade que precisou, mesmo que à força, aprender a respeitar a dimensão ecológica.

É também de Kim Stanley Robinson a *Trilogia de Marte*, que imagina a colonização do planeta vermelho e o surgimento de um dilema diante de tal ato: preservamos a configuração atual do planeta (posição defendida pelos “vermelhos”), ou trabalhamos para torná-lo habitável (posição defendida pelos “verdes”)? Ao trazer essa situação limite, imaginando uma situação ainda distante de nosso presente, Frase busca provocar uma reflexão sobre as relações e articulações entre humanos e natureza.

Novamente a partir de uma obra de Robinson, 2312, Frase destaca como o autor traz uma solução possível para o famoso “problema do cálculo econômico”, que opõe os sistemas de planejamento econômico e livre-mercado, na busca pelo modelo que apresente maior eficiência para lidar com a oferta e demanda. O problema teria sido resolvido por meio da computação quântica, que conseguiria, quase que instantaneamente, fazer os cálculos necessários para prever o planejamento adequado.

O autor pontua que, apesar dos desafios inerentes a esse tipo de sociedade serem significativos, isso não significa que sejam necessariamente impossíveis de serem equacionados. E, principalmente, Frase indica que esse modelo de sociedade poderia ser configurado de modo a garantir condições de vida dignas às pessoas.

Talvez por ser o exterminismo (escassez e hierarquia) o mais terrível dos quatro futuros imaginados pelo autor, não faltam referências na cultura contemporânea de obras que se encaixam nesse paradigma. O filme *Elysium*, lançado em 2013 e dirigido por Neill Blomkamp, é citado na primeira frase do capítulo e fornece uma forte imagem desse modelo de sociedade.

Uma parca elite que vive em uma estação espacial, chamada justamente *Elysium*, em condições de vida altamente elevadas, enquanto, na Terra, a maior parte da população vê-se abandonada a um mundo em ruínas. É um mundo curioso, diferente de *Jogos Vorazes*, série de *best-sellers* de Suzanne Collins, em que uma parte da sociedade (os Distritos) patrocina o estilo de vida luxuoso da elite (os habitantes da capital, Panem). Em *Elysium* não parece haver

dependência entre os grupos sociais. O privilégio dos habitantes da estação especial reside meramente em seu egoísmo de reter suas regalias sem tê-las de compartilhar com os demais “terrâqueos”.

Esse tipo de sociedade foi largamente explorado por William Gibson, o criador do subgênero *cyberpunk* (caracterizado pela noção de alta tecnologia, baixa qualidade de vida), que imagina, por meio de suas obras, uma sociedade tecnológica e desigual. Uma extrapolação de nosso presente, sobretudo se pensarmos nas periferias das grandes metrópoles.

O problema de fundo desse tipo de sociedade é lidar com as massas populacionais, que eventualmente podem se dar por satisfeitas de sua condição de exploração e protagonizarem ações enfáticas de desestabilização da ordem. Por isso costuma ser inerente às representações artísticas desse tipo de sociedade e um forte e eficiente aparato policial, sempre em prontidão para agir, quando as estratégias convencionais de controle social deixam de apresentar eficácia.

Rocobop, filme lançado originalmente em 1987, dirigido por Paul Verhoeven, teve importante pioneirismo em colocar a discussão sobre os métodos de policiamento em uma sociedade futuro em evidência. Porém, caso as técnicas de policiamento deixarem de ser eficazes e o cenário adquirir conotações de guerra civil aberta, *O Jogo do Exterminador*, de Orson Scott Card, nos leva a imaginar uma situação em que crianças são enganadas a atuarem como soldados, operando inocentemente um jogo onde mata um inimigo, que na verdade são os próprios humanos.

Nossa intenção não foi esgotar os exemplos trazidos por Frase em seu texto. Também é importante destacar que as reflexões trazidas por Frase sobre cada um dos quatro futuros não se reduzem a exemplos de obras de ficção científica. O autor também complementa a discussão a partir de uma gama variada de pensadores, economistas, sociólogos, matérias jornalísticas, etc, que ajudam a criar um grande panorama de referências para refletirmos sobre esses futuros possíveis. Optamos por dar ênfase a referências às obras artísticas pelo enfoque que adotamos neste texto.

6. Considerações Finais

Ao longo do texto buscamos lançar algumas reflexões que pudessem dar algum subsídio para respondermos a questão inicial: é possível e faz sentido uma ficção científica social?

Nossa conclusão é afirmativa para ambas indagações. O próprio esforço de Frase¹² demonstra sua possibilidade, na medida que ele consegue, em nossa avaliação, de forma bem sucedida, trabalhar com conceitos próprios das teorias social, política, econômica, etc, integrando-os aos temas e problemas trazidos à tona por meio de diversas obras de ficção científica.

Como destacamos no texto, a obra poderia ter se enriquecido ainda mais com referência a diversas obras clássicas da ficção científica. Mas entendemos e valorizamos o esforço inovador por parte de Frase, que não impede que outras obras se sigam a sua, visando explorar mais a fundo o novo campo de possibilidades inaugurado.

Quanto ao seu sentido, ou seja, ao valor inerente a esse esforço, em nossa visão os resultados dessa abordagem teórico-metodológica favorecem um olhar novo para problemas velhos, trazendo a criatividade, matéria-prima dos clássicos da ficção científica, para o centro da discussão, forçando o autor a pensar em questões e propostas para além da imediatez e do senso-comum.

Em um mundo ainda marcado pelo imobilismo, muito bem definida pelo conceito já citado de “impotência reflexiva” (FISHER, 2020, p. 43), imaginar mundos, e refletir sobre seus traços fantásticos, instigantes, horríveis ou problemáticos, continua sendo um eficaz remédio para essa aparente falta de perspectivas. Pois, como nos ensina Ursula Le Guin (2014, tradução nossa):

Vivemos no capitalismo; seu poder parece inescapável – mas o mesmo se deu em relação ao poder divino dos reis. Qualquer poder humano pode ser contrariado e mudado por outros seres humanos. Resistência e mudança muitas vezes começam pela arte. Muitas em nossa arte, a arte das palavras.

Referências

ATWOOD, M. **In Other Worlds: SF and the Human Imagination**. Nova York: Talese / Doubleday, 2012.

ARISTÓTELES. **Poética**. 8 ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2005.

FISHER, M. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FRASE, P. **Quatro Futuros**: a vida após o capitalismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: 34, 2006.

JAMESON, F. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. 2 ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Arqueologias do futuro**: O desejo chamado Utopia e outras ficções científicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LE GUIN, U. K. Speech in Acceptance of the National Book Foundation Medal. **Ursula Le Guin Website**. 2014. Disponível em: <https://www.ursulaklequin.com/transcript>. Acesso em: 05 mai. 2023.

LYOTARD, J.-F. **A condição pós-moderna**. 20 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

MARX, K. **Crítica ao Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **O Capital**: crítica de economia política. Livro I: o processo de produção do capital. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, K. ENGELS, F. **Cultura, arte e literatura**: textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

DATA DE ENVIO: 14 de maio de 2023 | DATA DE APROVAÇÃO: 28 de agosto de 2023